

Gislene Silva

Professora do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com pós-doutorado na ECA/USP e Universidade Complutense de Madrid. Líder do Grupo de Pesquisa Crítica de Mídia e Práticas Culturais. Bolsista PQ/CNPq.

E-mail: gislenedasilva@gmail.com.

**Edwin dos Santos
Carvalho**

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Cariri (UFCA).

E-mail: edwin_carvalho@hotmail.com.

Ingrid Pereira de Assis

Doutoranda em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Bolsista Capes.

E-mail: ingrid.p.assis@hotmail.com.

Marcelo Barcelos

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Jornalismo pela UFSC. Bolsista Capes.

E-mail: marcelobarcelos.jornalismo@gmail.com.

Estudos em Jornalismo e Mídia
Vol. 14 N° 2
Julho a Dezembro de 2017
ISSNe 1984-6924

AUTORES CONVIDADOS

Metodologias de pesquisa em jornalismo: 100 dissertações do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC

Gislene Silva

Edwin dos Santos Carvalho

Ingrid Pereira de Assis

Marcelo Barcelos

Resumo

Este estudo traça um panorama das metodologias adotadas em 100 dissertações do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (POSJOR) da Universidade Federal de Santa Catarina, no espírito de uma leitura revisional sobre a produção nos seus dez anos de funcionamento. O trabalho se orienta por uma visão não instrumental de metodologia e pelo entendimento de que o pensamento metodológico perpassa diversas instâncias e momentos da pesquisa, desde a elaboração conceitual à construção do objeto de estudo e demarcação do empírico. Neste artigo, somente se faz uma verificação de ocorrências mais quantificáveis e o panorama que ora se apresenta traz dados gerais sobre abordagem e natureza das pesquisas realizadas, mídias analisadas e locus dos objetos empíricos dentro do processo produtivo do jornalismo, com o objetivo principal de discutir as metodologias empregadas em termos de procedimentos/métodos.

Palavra-chave: Metodologia em jornalismo. Métodos. POSJOR.

Abstract

This study gives an overview of the methodologies adopted in 100 dissertations of the Pos-Graduate Program in Journalism (POSJOR) of the Federal University of Santa Catarina, in the spirit of a revisionary reading about production during its ten years of operation. The work is guided by a non-instrumental view of methodology and by the understanding that methodological thinking permeates various instances and moments of research, from the conceptual elaboration to the construction of the object of study and demarcation of the empirical. In this article only a quantifiable occurrence is verified and the panorama presents general data on the approach and nature of the researches, analyzed media and locus of the empirical objects within the productive process of journalism, with the main objective to discuss the methodologies employed in terms of procedures / methods.

Keywords: Methodology in journalism. Methods. POSJOR.

Consciência metodológica

Este estudo traça um panorama das metodologias adotadas em 100 dissertações do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (POSJOR) da Universidade Federal de Santa Catarina, no espírito de uma leitura revisional da produção nos seus dez anos de funcionamento, com a primeira dissertação defendida em 2009. A perspectiva a orientar esse levantamento é a da necessidade de uma consciência metodológica, aquela que alcança o pesquisador para construir sua investigação no duplo movimento da segurança e liberdade nas escolhas requeridas pelo pensamento científico. Trata-se do equilíbrio entre firmeza, que muitos veem como rigidez, e abertura, na qual muitos se perdem na tarefa de investigação. Ou seja, equilíbrio entre lidar com controle da pesquisa e sua estrutura e lidar, igualmente, com aspectos conjunturais, de invenção e criatividade. Há, sabemos, uma relação inversamente proporcional entre liberdade e segurança. O desafio está justamente em combinar um movimento e outro. A consciência metodológica seria, então, a condição a nos ajudar a pesquisar de forma segura e livre. Trabalhar com metodologia não deveria, portanto, ser mera formalidade, nem constrangimento, tampouco mal-estar a perturbar a tarefa de mestrandos e doutorandos.

Amparados, assim, por uma visão não instrumental, partimos da ideia de que metodologia seria o modo de se elaborar o pensamento científico. Por isso, o entendimento de que o pensamento metodológico perpassa diversas instâncias e momentos da pesquisa, desde a escolha de conceitos e construção do objeto de estudo, passando pela elaboração dos objetivos e demarcação do empírico – esta questão na nossa área encontra-se muito bem explicada por Maria Immacolata Vassalo de Lopes em seu livro *Pesquisa em Comunicação* (2003) e por José Luiz Braga (2011). Como a metodologia está viva e dá vida ao que pesquisamos, cada passo metodológico nos faz rever as opções feitas até aquele momento e já nos sugere novas tomadas de decisão. Não há um caminho definitivo a ser cumprido. O teórico e o empírico seguem sempre em tensão, na tentativa de certa unidade e coerência interna.

Mas estudar opções metodológicas em dissertações e teses exige bastante fôlego. Com tempo largo dá para observar de modo detalhado e mais profundo o percurso feito pelo autor, vasculhando as amarrações internas de suas escolhas para perceber nelas coerência ou desarranjo entre decisões metodológicas de várias ordens, sejam teóricas ou técnicas, tal como fez em Silva (1989). Neste artigo, somente foi possível fazer uma verificação de ocorrências mais quantificáveis. Por isso, o rastreamento que ora apresentamos traz dados gerais sobre abordagem e natureza das pesquisas realizadas, mídias analisadas e *locus* dos objetos empíricos dentro do processo produtivo do jornalismo, com o objetivo principal de discutir as metodologias empregadas em termos de procedimentos/métodos.

Embora pareça fácil de ser realizado, uma vez que observa elementos pontuais, tal rastreamento também tem suas demandas laboriosas. O fato de as opções metodológicas estarem em todas as partes da pesquisa, como destacamos de início, não exime o pesquisador de explicitar procedimentos metodológicos em algum momento da dissertação/tese. Essa explicitação, porém, é menos praticada do que se espera. Neste panorama a respeito das dissertações do POSJOR, tivemos de enfrentar esse problema, o que dificultou muito a categorização das metodologias adotadas. Em levantamentos semelhantes realizados sobre outros tipos de materiais acadêmicos, outros pesquisadores já perceberam essa mesma fragilidade. Em 2007, com base nos trabalhos apresentados no núcleo de pesquisa em jornalismo da Intercom, também no período de uma década, Hohlfeldt e Strelow demonstraram que 181 dos 341 trabalhos de natureza empírica apresentados não faziam menção à metodologia (HOHLFELDT; STRELOW, 2007). Para classificar as metodologias, os autores tiveram de fazer inferências. Nós fizemos isso de forma semelhante, procuramos

na leitura de toda a dissertação as marcas metodológicas dispersas e procedemos as identificações. As dificuldades se estenderam também às situações em que havia equívocos entre as denominações anunciadas e as metodologias efetivamente praticadas – impasse já detectado por pesquisas similares na área. O principal desafio, porém, foi trabalhar com a expressiva quantidade de metodologias *ad hoc* – dissertações que explicitam com clareza seus passos metodológicos e tratam o empírico a partir de fortes teorias interpretativas (agrupadas em “Descritiva-Interpretativa- Sócio-cultural”) ou analisam o empírico sob perspectiva técnica (agrupadas em “Descritiva-Analítica- Técnica”). O panorama metodológico a que chegamos confirma um quadro já visto em outras subáreas de pesquisa da Comunicação e traz alguns resultados significativos para o subcampo da pesquisa em Jornalismo, principalmente, quando pensamos, a partir do percurso feito em 100 dissertações, quais caminhos outros temos pela frente.

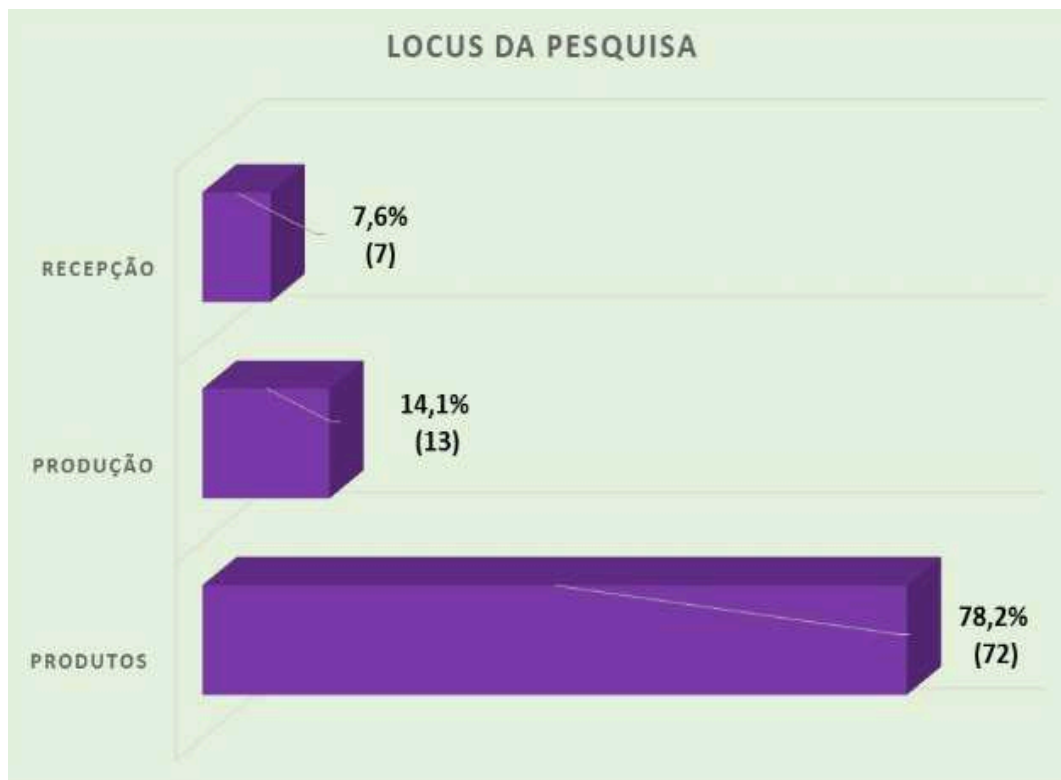
Abordagem e natureza das pesquisas e *locus* do empírico

Do total de 100 dissertações do POSJOR, defendidas de 2009 a 2017, 90 (90%) são de natureza teórico-empírica. Quase a totalidade, portanto, interessa-se por estudar materialidades jornalísticas, sejam as dos produtos publicados/divulgados, sejam aquelas ligadas a práticas profissionais diversas. Pesquisas de natureza somente teórica são sete (7%), seis delas na Linha de Pesquisa “Jornalismo, Cultura e Sociedade” (Linha 1) e as aplicadas são três, todas nas Linha de Pesquisa “Tecnologias, Linguagens e Inovação” (Linha 2). Estamos tratando como teórica aquela dissertação “dedicada a reconstruir teoria, conceitos, idéias, ideologias, polêmicas, tendo em vista, em termos imediatos, aprimorar fundamentos teóricos” (DEMO, 2000, p. 20). De modo geral, as pesquisas teóricas produzidas pelo Programa estudam fundamentos do Jornalismo, entre os quais as noções de objetividade, verdade e fato jornalísticos, e questões internas do próprio campo epistêmico.

No caso da pesquisa aplicada, aquela através da qual o pesquisador propõe uma intervenção prática, essas três dissertações desenvolveram aspectos de design digital da informação nos aplicativos móveis, técnicas de linguagem de notícias em *tablets* e modelo de telejornal em dispositivos móveis. Com o enfoque em inovação, ênfase dada a partir de 2013 com a reconfiguração da Linha 2, tem-se a expectativa de aumentar o número de pesquisas aplicadas no Programa, especialmente na área das plataformas digitais. Dissertações neste sentido já estão sendo desenvolvidas no momento e esse aumento deve ser percebido nos próximos anos. A grande ocorrência de pesquisa teórico-empírica no POSJOR tem como aproximação destes objetos empíricos uma abordagem marcadamente qualitativa (76%); as demais adotam abordagem quali-quantitativa (24%). A opção por pesquisa qualitativa não surpreende porque é um resultado bastante comum na área de Comunicação.

Em termos de *locus* de apreensão desses empíricos, as dissertações também mantêm uma tendência dectada por outros levantamentos, a de dar preferência ao estudo dos produtos, publicados pela mídia impressa ou divulgados pelas mídias eletrônicas. Em 78,2% das análises empíricas o olhar do investigador volta-se para produtos; em 14% delas o pesquisador vai até a produção (nas redações ou entrevistas com profissionais); e 7,6% investigam a recepção (Figura 1) – não estão contabilizadas aqui as exceções cujos empíricos são objetos como aplicativos e construção vocal de apresentadores de telejornal, por exemplo.

Figura 1. Locus de apreensão dos objetos empíricos das pesquisas



Fonte: Autores (2017)

A preferência pelos produtos publicados ou veiculados, como discutido por Silva (2008), pode ser suposta por diferentes razões. Por ainda não termos consolidadas ou não dominarmos técnicas de pesquisa nos campos da produção e da recepção de notícias ou por outros motivos como

acesso ao objeto de trabalho – é mais viável gravar telejornais e radiojornais, guardar exemplares de revistas, recortar jornais impressos ou arquivar páginas da internet do que conseguir autorização das empresas para se pesquisar dentro das redações ou mesmo a disponibilidade dos profissionais para entrevista e do que também entrevistar leitores; custos da pesquisa – é mais barato investigar produtos do que processo de produção ou modos de recepção, posto que muitos dos resultados divulgados em congressos ou publicados são fruto de trabalho individual e não do de equipes; tempo de duração da pesquisa – trabalhos que resultam de dissertações e teses ou que envolvam pesquisadores de diferentes instituições e/ou contam com fomento costumam trazer investigações com procedimentos metodológicos mais múltiplos ou mesmo investidos em mais de uma instância do processo jornalístico [...] (SILVA, 2008, p. 6-7).

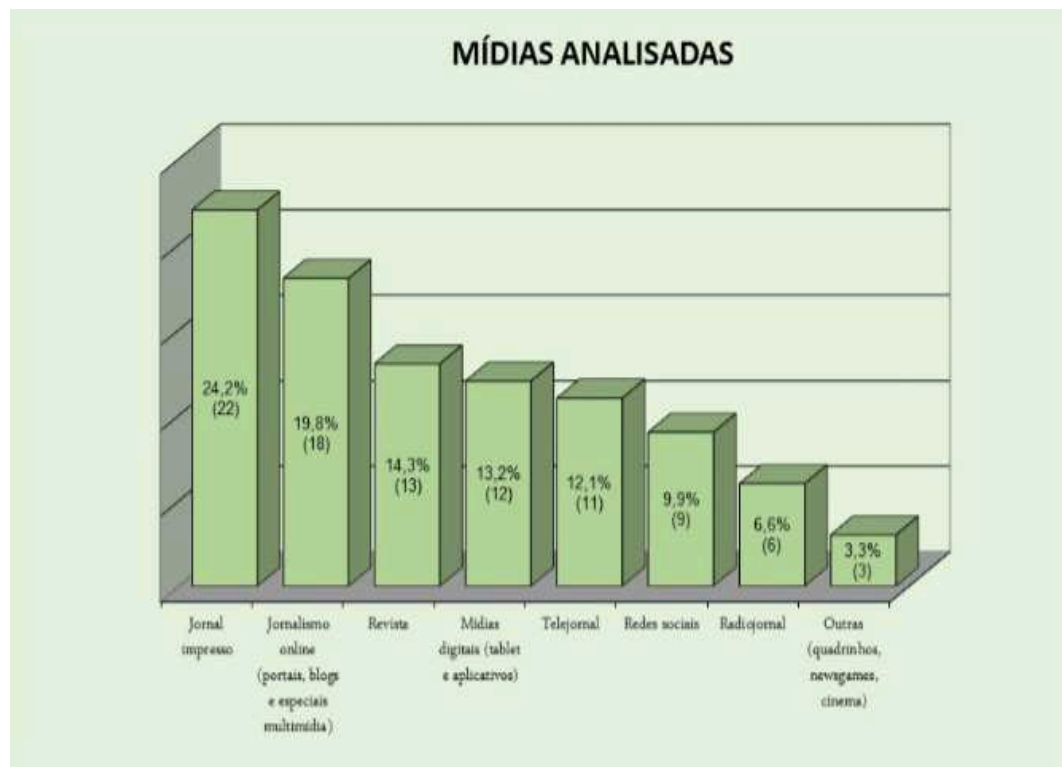
Importante salientar que essa demarcação por *locus* não se dá de modo separado nas pesquisas, ou seja, várias delas combinam esses lugares de apreensão do empírico, especialmente quando, como veremos adiante, trabalha-se com estudo de caso. Porém, cabe novamente voltar à discussão feita por Silva (2008) quando busca em Martín-Barbero (1995) sua proposta de que avancemos sobre a idéia condutista de etapa e quando recorre a Johnson, em sua crítica de que se estamos colocados em um ponto do circuito em que “não vemos, necessariamente, o que está acontecendo nos outros” (JOHNSON, 2000, p. 33) – ideia válida, mas questionável, como discuti-

remos depois. Por isso, essa combinação de empíricos, de *locus* diferentes, mostra-se uma contribuição bem interessante dessas dissertações específicas, em seu esforço de compreensão de um objeto de estudo investigado em vários momentos do processo produtivo jornalístico – uma problemática a que retornaremos mais adiante no momento dos comentários sobre contribuições do método Análise de Cobertura Jornalística e sobre pluralismos de metodologias nas dissertações.

Mídias analisadas

A verificação das mídias analisadas pelas dissertações confirma velhas tendências e sugere aumento das escolhas por mídias informativas digitais. De forma predominante, percebe-se o interesse dos mestrands por investigar a mídia impressa (Figura 2): 22 trabalhos estudam jornal impresso (24%), com uma diversidade de problemas relacionados a editoriais, suplementos, tensões em espaço de colaboração do leitor, veículos alternativos, imprensa local e regional e desafios éticos e deontológicos, entre outros; e 13 estudam revistas impressas (14%), sendo que neste âmbito as pesquisas tratam mais de representações, imagens, imaginários e enquadramentos de questões sócio-culturais variadas, como Amazônia, marginalidade, samba, natureza, ruralidade, identidades, desastres ambientais, gênero, subjetividade. Em tempos de extrema efemeridade e rapidez na circulação de informação, estes estudos se voltam para um jornalismo de tratamento mais demorado sobre acontecimentos e temas da vida social e se configuram como pesquisas de caráter interpretativo e crítico. Juntos, jornais e revistas totalizam 35 empíricos em jornalismo impresso (38%).

Figura 2. Mídias analisadas nas dissertações do PosJor UFSC (2009-2017)



Fonte: Autores (2017)

Se por um lado há essa predominância do impresso, já confirmada em outros levantamentos, o jornalismo online indica o surgimento de novas perguntas sobre

formatos, linguagens e modelos de negócio. As 18 dissertações (19,8%) produzidas com foco nesta mídia demonstram o interesse dos pesquisadores do POSJOR em descrever, explicar e, também, criticar o jornalismo feito em rede e dentro da rede – estas são mais estudadas que revistas e ainda menos que jornais. Os portais de notícias, derivados de grandes conglomerados de mídia, prioritariamente nacionais, englobam a dianteira nestes estudos de jornalismo online, com 13 dissertações que problematizam modos de produção da notícia e reportagem digital, uso de infográficos, incremento de multimídia e, mais recentemente, formatos de maior interação junto às audiências e experiências inovadoras quanto a narrativas imersivas e em 360°. Nesse conjunto, temos também pesquisa sobre blogs e especiais multimídias. Considerando o ambiente online, poderíamos somar a este grupo as 12 dissertações que investigam mídias digitais (13%), orientadas pelo propósito de pensar tecnologias digitais para o jornalismo online (tablet, aplicativos etc). Em seguida, ainda nesse universo, as redes sociais digitais aparecem como terceira opção e são estudadas por 10% das dissertações. Interessam-se, por exemplo, em compreender a recirculação de informação jornalística, a entrada de novos atores na produção amadora, a mediação e conflitos entre jornalistas e públicos, estratégias de ativação, alcance, engajamento e conteúdo nativo.

Se fecharmos em mídias noticiosas apenas, e mantendo a separação entre jornais e revistas impressas, o telejornalismo figura em quarto lugar (12%), concentrando nos telejornais o produto jornalístico preferencial. De 11 estudos televisivos integrantes desse levantamento, sete investigam o telejornalismo tradicional, com foco em questões como enunciação, rotinas produtivas, formatos, estrutura de redação, localismo e hiperlocalismo, credibilidade e contrato de leitura. Na sequência, aparecem telejornais universitários e institucionais, seguido de um único caso de telejornalismo pensado para plataformas móveis.

Com seis dissertações defendidas (6,6%), a mídia radiofônica aparece, então, como quinta estudada pelos pesquisadores. Numa subdivisão, as rádios essencialmente noticiosas (*All News*) representam a maioria dos veículos estudados, quatro deles. Até o momento, somente uma dissertação se ocupou de verificar a produção jornalística em webrádios, no caso webrádios públicas, o que indica ainda a atenção concentrada em modelos AM e FM analógicos. Temos ainda três dissertações agrupadas como categoria Outras Mídias (3,3%) – uma sobre *newsgames*, uma sobre reportagem em quadrinhos e outra sobre cinema (representação do jornalismo em filmes). Lendo tais resultados, há um certo equilíbrio entre interesse pela mídia impressa (38%), comumente ocupada em trazer reflexões mais ligadas à Linha de Pesquisa 1 do Programa (Jornalismo, Cultura e Sociedade), e interesse pela mídia online, com atenção para análises que respondem mais à Linha de Pesquisa 2 (Tecnologias, Linguagens e Inovação). Esse quadro sugere a necessidade de estimular o aumento de estudos centrados nas mídias radiofônica e televisiva, observando a reconfiguração do analógico para o digital, independentemente se os problemas de pesquisa se localizam numa ou noutra linha de pesquisa.

Por fim, para compor esta parte do panorama, importante registrar o número de 16 dissertações que não têm em seu objeto de estudo algum tipo específico de mídia em análise. São aquelas só teóricas, sobre história do jornalismo, estudos de recepção e estudos em redação. Esse dado sugere a necessidade de mais pesquisas teóricas, sobre questões epistemológicas, condições do trabalho jornalístico nas redações, rotinas e estratégias de apuração/produção/circulação, senso de relevância a respeito da qualidade daquilo que o jornalismo entrega aos públicos, responsabilidade ética e compromissos com a sociedade.

Metodologias adotadas

Como nem sempre há a explicitação clara de metodologias nas pesquisas, a decisão aqui foi a de inferir a metodologia nesses casos em que não aparecia declarada e, também, checar se algumas nomeações expressas de métodos específicos correspondiam ao efetivamente executado, procurando acatar ao máximo o que estava dito pelo autor. Esse é o mapa geral descrito no quadro a seguir:

Quadro 1. Metodologias adotadas pelas dissertações do PosJor analisadas (2009-2017)

METODOLOGIAS ADOTADAS	LINHA 1	LINHA 2	DISSERTAÇÕES	%
	Jornalismo, Cultura e Sociedade	Tecnologias, Linguagens e Inovação		
Estudo de Caso	3	24	27	22,5
Análise de Conteúdo	7	8	15	12,5
Pesquisa de Campo-Entrevistas	7	5	12	10
Análise do Discurso	9	2	11	9,1
<i>Ad hoc</i> (Descritiva-Interpretativa-Sócio-cultural)	8	0	8	6,6
<i>Ad hoc</i> (Descritiva-Analítica-Técnica)	0	8	8	6,6
Análise de Narrativa	5	1	6	5
Pesquisa Histórico-Documental	4	1	5	4,1
Análise de Cobertura Jornalística	2	1	3	2,5
Análise Semiótica Discursiva	0	3	3	2,5
Pesquisa Experimental	0	3	3	2,5
Análise de Enquadramento	1	1	2	1,6
Grupo Focal	1	1	2	1,6
Pesquisa-Ação	0	1	1	0,8
Análise de Linguagem	0	1	1	0,8
Pesquisa de Campo-Observação não-participante	0	1	1	0,8
Pesquisa-Ação		1	1	0,8
Pesquisa teórico-epistemológica	6	0	6	5
Outras	0	5	5	4,1
TOTAL	56	64	120	100%

Fonte: Autores (2017)

O número de metodologias adotadas (120) ultrapassa o de dissertações (100) porque muitos trabalhos recorrem a mais de uma delas. Tem grande destaque o Estudo de Caso, que sustenta grande parte das pesquisas teórico-empíricas do Programa, aparecendo em 27 dissertações (22%), sendo que 24 delas na Linha de Pesquisa 2. Sejam únicos ou múltiplos, combinados ou não com outros procedimentos metodológicos e técnicas de pesquisa, tais como a realização de entrevistas, aplicação de questionários e observação (participante ou não participante), os estudos de caso são comumente utilizados em pesquisas qualitativas. Trata-se de uma inquirição empírica “que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas” (YIN, 2001, p. 32). Nas dissertações do POSJOR, os estudos de caso combinam efetivamente dentro deles diversos outros métodos, principalmente Análise de Conteúdo e Pesquisa de Campo-Entrevistas e, também, o Método Etnográfico quando se trata de estudos de *newsmaking* (modos

de produção dentro das redações ou no momento das coberturas). Ou seja, esses três métodos têm, com certeza, mais incidência do que está aparente nesse panorama. Caberia discutir, em outro momento, a alta incidência do Estudo de Caso para ver mais de perto a validação desta escolha – porque muitas vezes a razão do que define tal nomeação parece mais ligada à combinatória de métodos variados do que propriamente a um caso a ser estudado em todas as suas condicionantes e justificadas particularidades.

O segundo método mais utilizado nas dissertações é a Análise de Conteúdo (12,5%), de modo distribuído entre as linhas – resultado também bastante comum em outros mapeamentos na área. Por seu caráter flexível e híbrido quanto à manipulação quantitativa (conteúdo manifesto) e qualitativa dos empíricos (conteúdo latente), o método tem passado a ser visto com menos desconfiança e menos desprestígio acadêmico, uma vez tributário de uma herança positivista. Mesmo ainda sendo bastante útil para abordagens quantitativas, a Análise de Conteúdo já não é considerada exclusivamente de alcance descritivo, seja baseada ou não em indicadores quantitativos (BARDIN, 2004). Nas pesquisas do POSJOR, a Análise de Conteúdo tem sido adotada nas pesquisas quali-quantitativas. Em geral, ela vem como etapa que antecede a realização de procedimentos metodológicos qualitativos. Por isso, também é importante ressaltar que apenas três das 15 dissertações que optaram pela Análise de Conteúdo o fizeram de modo exclusivo, isto é, 12 delas complementaram essa metodologia com outras, como Análise de Discurso, de Enquadramento ou Pesquisa de Campo-Entrevistas, o que, de novo, indica que estas metodologias são mais frequentes do que a tabela demonstra.

Depois, ainda em termos de destaques, temos a Pesquisa de Campo-Entrevista, utilizada em 10% das dissertações, e praticamente equilibrada entre as linhas. Análise de Discurso (9%, em diferentes derivações) e de Narrativa (5%, também por diferentes acepções) e a Pesquisa Histórico-Documental (4%) são mais frequentes na Linha 1; a Pesquisa Experimental, adotada por três dissertações (2,5%), ocorre somente na Linha 2, por conta das pesquisas aplicadas (entre elas registra-se a ocorrência de um estudo que faz uso de técnicas estatísticas); e a Análise de Cobertura Jornalística aparece em outras três dissertações (2,5%), duas na Linha 1 e uma na Linha 2. A frequência com que são empregadas a Análise de Conteúdo e a Análise de Discurso se dá em um hiato metodológico, conforme verificado por Silva em estudo de outros materiais acadêmicos: alguns dos estudos dedicados a produtos não querem tratar de texto/mensagem, mas do processo de cobertura jornalística e, mesmo assim, optam pela Análise de Conteúdo ou pela Análise de Discurso (SILVA, 2008). Em outras palavras, várias das pesquisas com texto jornalístico impresso, em geral, estão fazendo, a partir do texto, estudos de produção da notícia.

É o caso de trabalhos que revelam, e revelam bem, via texto, as condições de apuração, como, por exemplo, se a matéria vem assinada ou não, se de correspondente ou de agência, se somente com fontes oficiais etc. Dados que mostram muito mais do processo produtivo, e que por isso o protocolo metodológico adotado ali não deveria se vincular à análise de discurso – método/teoria dos mais referenciados recentemente (SILVA, 2008, p. 9).

O método proposto pela autora, chamado de Análise de Cobertura Jornalística (SILVA; MAIA, 2011a; SILVA; MAIA, 2011b; SILVA; SOARES, 2013), seria capaz de mostrar o processo no produto, quer dizer, viabilizaria investigar no produto publicado elementos do processo de elaboração das notícias. E pode ser usado para

investigar como um determinado veículo estrutura a cobertura de assuntos em geral ou de acontecimentos específicos, verificando as marcas das técnicas e estratégias de apuração e composição da matéria jornalística a respeito de *qualquer* tema/assunto/acontecimento. Também é indicado para comparar tais marcas e estratégias em diferentes veículos, seja sobre um caso particular no momento presente ou temáticas que se repetem. Além disso, comporta o estudo de processos produtivos do passado, bem como de transformações na cobertura ao longo do tempo, sobretudo quando o *corpus* envolve um recorte temporal extenso. Quando há ênfase no contexto sócio-histórico-cultural, possibilita relacionar as estratégias de apuração à influência de forças conjunturais, como seria o caso de estudar textos jornalísticos produzidos durante a ditadura militar, períodos eleitorais, grandes eventos, desastres naturais, guerras, entre outros (SILVA; MAIA, 2011a, p. 32).

Seria, assim, uma metodologia auxiliar à Análise de Conteúdo, à Análise de Discurso e àquelas metodologias relacionadas a estudos de imaginários e representações sociais, uma vez que o contexto de sentido do que está dito na matéria jornalística (temáticas, discursos ou imagens) pode começar a ser observado, antecipadamente, nas decisões editoriais que deixam suas marcas no produto, no acontecimento jornalístico publicado. A autora, contrária a Johnson em sua afirmação de que “os processos desaparecerem nos produtos” (JOHNSON, 1999, p. 33), defende a hipótese de que, em se tratando de textos jornalísticos, o processo nem sempre desaparece no produto, manifestando-se nele em maior ou menor medida (SILVA; MAIA, 2011a, p. 23). E explica:

se procurarmos nos artigos publicados e/ou apresentados em congressos que pesquisam textos jornalísticos (e aí falo também de textos de telejornais e radiojornais), e que dizem trabalhar com análise de discurso e mesmo com análise de conteúdo, vamos encontrar muitas revelações sobre o *newsmaking*, muito especialmente no estudo de fontes jornalísticas. Por isso, suponho que para pensar o processo jornalístico como um todo deveríamos pesquisar também como em um único ponto do circuito escolhido como objeto de trabalho podemos localizar informações que mostrem os demais. Além de se perceber o processo de produção da notícia no texto, poderíamos investigar e verificar o receptor na produção, a produção na recepção (SILVA, 2008, p. 7).

Entramos um pouco mais nessa questão de analisar coberturas porque nela dá para perceber as muitas correlações entre aquelas três localizações do empírico (produto, produção e recepção) e as escolhas de metodologias possíveis de serem adotadas.

Antes de chegarmos na discussão sobre a significativa incidência de metodologias *ad hoc*, destacamos, ainda, as Pesquisas teórico-epistemológicas (5%), inseridas na parte baixa do quadro propositalmente com intuito de registrar seu lugar junto às demais que trabalham com empíricos e empregam algum tipo de método para isso. Todas essas pesquisas teórico-epistemológicas estão concentradas na Linha 1 – e revelam, em seu negativo, a hegemonia do interesse de pesquisa no Programa por materialidades jornalísticas e aspectos ligados à profissão. Destaque, também, para as cinco exceções classificadas como Outras, todas na Linha 2. Tais exceções dizem respeito a estudos muito particulares sobre aspectos sociocognitivos de leitura de

webnotícia, correção de erros no jornalismo online, funcionalidades no uso de recursos de segunda tela pelo jornalismo, credibilidade na construção vocal de apresentadores de telejornal e *newsgames* de letramento no ensino de deontologia jornalística. Esse tipo de pesquisa demonstra novos arranjos de metodologias de pesquisa em jornalismo, ainda em construção.

As metodologias *ad hoc* são em número considerável (13% do total) e estão organizadas em duas modalidades, como a quinta e a sexta mais frequentes. Elas aparecem distribuídas igualmente entre as duas linhas de pesquisa (6,6%), com oito dissertações cada uma. Conceber esses dois agrupamentos foi a etapa mais complexa deste estudo. Até mesmo nomeá-los não foi fácil, e por isso nos recorreremos a características de objetivos de pesquisa (descritiva, analítica, interpretativa), mais do que à ideia de método propriamente. Podemos explicar que procuramos um nome para esses tipos de investigação que constroem metodologicamente o problema de pesquisa, os objetivos, o passo a passo da análise, muito embora não tenham uma metodologia declaradamente conhecida – ou seja, elaboram uma metodologia muito particular para dar conta de seu objeto de investigação. Às metodologias *ad hoc* da Linha 1 demos o nome de “Descritiva-Interpretativa- Sócio-cultural”. Essas partem de uma teoria bem consolidada, como, por exemplo, no campo dos estudos em estética da imagem ou estudos do imaginário, ou de conceitos também potentes como memória, experiência e representação social, e se dedicam a descrever e interpretar textos jornalísticos com proposições de ordem sociológica ou cultural – sem fazer uso de análises de conteúdo, de discursos, de narrativa ou de enquadramentos.

Com relação às metodologias *ad hoc* da Linha 2, que chamamos de “Descritiva-Analítica-Técnica”, essas também tomam alguns conceitos centrais ou técnicas próprias do ambiente online para descrever e analisar práticas com proposição de ordem técnica, tais como apropriações do Twitter pelo jornalismo, normatizações de usos de redes sociais por jornalistas, dinâmica e circulação de notícias na internet ou extração e visualização de dados em reportagens. Também essas não têm uma metodologia específica, mas, igualmente, cumprem com clareza passos metodológicos. Esse diagnóstico com muitas metodologias *ad hoc* não significa necessariamente algo reprovável. Pelo contrário, pode sinalizar, em se tratando da linha “Jornalismo, Cultura e Sociedade”, espaço de criatividade, abertura para auscultar nas concretudes de empíricos a força dos abstratos teóricos e conceituais, coisas do mundo das percepções, sentimentos, valores e ideias que se expressam no jornalismo. Na linha “Tecnologias, Linguagens e Inovação”, pode indicar o uso de metodologias pouco convencionais. Ambos os grupos merecem ser mais estudados para que validemos essas primeiras impressões.

Considerações finais

Nesse panorama de 100 dissertações do POSJOR, há, portanto, não só grande variedade de metodologias adotadas como também um marcante pluralismo metodológico, com diversas combinações possíveis. A noção de metodologia pluralista é defendida por teóricos de Filosofia da Ciência, como Feyerabend, ao considerarem que procedimento científico não deve se submeter a receitas epistemológicas que imponham padrões universais ou tradições rígidas de investigação. “O cientista que deseja ampliar ao máximo o conteúdo empírico das concepções que sustenta e que deseja entender aquelas concepções tão claramente quanto possível deve, portanto, introduzir concepções novas” (FEYERABEND, 1977, p. 22). Porém, para trabalhar com pluralismo metodológico nos termos de Feyerabend, talvez tenhamos que, antes, no caso específico dos estudos em Jornalismo, resolver algumas precariedades. Vários desafios se apresentam no estudo de metodologias da pesquisa em Jornalismo a partir

dos resultados a que chegamos nesse exercício revisional, e o primeiro deles se inicia com a preocupação em explicitar, tornar mais facilmente visíveis, tais metodologias.

Além disso, o jornalismo praticado em ambiente online parece figurar com mais protagonismo, o que exige reposicionar, entre tantos deslocamentos, o estudo do impresso na versão digital, o veículo impresso em sua página em constante atualização, o telejornalismo na internet, a circulação e recepção de notícias em novos parâmetros. Outra necessidade se confirma, a de estudar juntamente com produtos jornalísticos, ou para além deles, as redações, os profissionais, as fontes, os receptores e o próprio ensino do Jornalismo. Essa questão – e isso não deve ser entendido como contraditório – está também diretamente ligada ao investimento em pesquisas que pensem o Jornalismo não apenas com foco na profissão e nos três *locus* do processo jornalístico, mas como instituição política e de poder, em sua responsabilidade social e ética – nos termos do que Gislene Silva trata como imaterialidade do objeto de estudo do Jornalismo (SILVA, 2009). Faltou, neste rastreamento das metodologias do Programa, verificar quais as opções por empíricos da imprensa *mainstream* e quais por práticas e veículos do jornalismo não-hegemônico, algo que poderia revelar muito sobre que jornalismo atrai o olhar dos pesquisadores.

Por fim, a observação, mais ou menos óbvia, de que não pensamos as metodologias por elas mesmas, mas sim porque a validade científico-acadêmica dos conhecimentos produzidos por essas dissertações resulta justamente de pensamento e trabalho metodológicos. Desses conhecimentos se constroem as teorias particulares, tão necessárias para o campo dos estudos em Jornalismo. E, claro, também as pesquisas propriamente teórico-epistemológicas mereceriam mais apostas, principalmente quando se sabe que o Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC, assim como o Curso de Graduação, muito estima a Teoria do Jornalismo.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3ª Ed. Lisboa, Edições 70, 2004.

BRAGA, José Luiz. A prática da pesquisa em comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. **E-compós**, v.14, n1, jan./abr. 2011.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. Tradução de Octanny S. da Mota e LeonidasHegenberg. Rio de Janeiro: FranciscoAlves, 1997.

HOHLFELDT, Antonio; STRELOW, Aline. Metodologias de pesquisa: o estado da arte no campo do jornalismo – os núcleos de pesquisa da Intercom. **Anais do V Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo** – SBPJor. Aracaju, Se, 2007.

JOHNSON, Richard; ESCOSTEGUY, Ana Carolina; SCHULMAN, Norma. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MARTIN-BARBERO, Jesus. (1995). América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: WILTON, Mauro (Org.) **Sujeito: o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em Comunicação**. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

SILVA, Gislene. **Do detalhe ao talhe**: Dissertações / Teses em Comunicação Rural 1978 – 1988. (Dissertação). Universidade Metodista de São Paulo, 1989.

SILVA, Gislene. Problemática metodológica em jornalismo impresso. **Revista Rumores**, v. 2, n.3, 2008.

SILVA, Gislene. Sobre a imaterialidade do objeto de estudo do Jornalismo. **E-com-pós**. Brasília, v. 12, n.2, mai./ago. 2009.

SILVA, Gislene; MAIA, Flávia Dourado. Análise de cobertura jornalística: um protocolometodológico. **Revista Rumores**, edição 10, v.5, jul.-dez. 2011a.

SILVA, G.; MAIA, Flávia Dourado. O método Análise de Cobertura Jornalística na compreensão do crack como acontecimento noticioso. In: LEAL, Bruno Souza; ANTUNES, Elton; VAZ, Paulo Bernardo. **Jornalismo e acontecimento**: percursos metodológicos. Florianópolis: Insular, v.2, 2011b.

SILVA, Gislene; SOARES, Rosana de Lima. O método Análise de Cobertura Jornalística e o acontecimento noticioso da doença do ex-presidente Lula. **Revista Rumores**, v.7, n.14, jul.-dez. 2013.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.